

O aumento significativo de casos de zoonoses — doenças transmitidas de animais para humanos — é um sinal de que outras crises sanitárias podem estar prestes a surgir, alertam especialistas

# À beira de novas pandemias

Há mais de dois anos enfrentando uma crise sanitária, o mundo precisa estar atento ao risco de enfrentar outra zoonose com potencial para se tornar uma nova ameaça global, alertam especialistas e a Organização Mundial da Saúde (OMS). “Os fatores de emergência e amplificação de doenças aumentaram (...) A interface entre homem e animal é bastante instável agora”, disse, recentemente, Mike Ryan, chefe de situações de emergência da agência das Nações Unidas.

A estimativa da OMS é de que cerca de 60% das doenças emergentes são de origem zoonótica. Trata-se de enfermidades transmitidas de animais para os homens, como o ebola, a própria covid-19 e a varíola do macaco, cujo surto atual dá sinais “reais”, na avaliação da agência, de que essa doença pode se estabelecer **fora da África**, única região onde, por enquanto, é endêmica.

As zoonoses existem desde que o homem intensificou suas interações com os animais, incluindo os processos de domesticação e a ocupação de áreas verdes. Os casos, porém, se intensificaram nos últimos 20 ou 30 anos, em um ritmo que parece estar acelerando. No começo deste mês, por exemplo, cientistas da Universidade de Uppsala, na Suécia, anunciaram a descoberta de um novo coronavírus, apelidado de Grimsö, circulando entre uma espécie de ratazana comum nas cidades do país.

Marc Eliot, chefe do laboratório de descoberta de patógenos do Instituto Pasteur, avalia que a facilidade de locomoção e o aumento da ocupação humana em áreas verdes potencializam a disseminação de novas e

MLADEN ANTONOV



A convivência com animais não domesticados nas cidades e na mata aumenta o risco de transmissão de vírus entre as espécies

## Em 29 países

Mais de mil casos da doença foram registrados, em pouco mais de um mês, em 29 países em que ela não é endêmica. Boa parte dos infectados está na Europa e, de acordo com a OMS, não há casos de morte em decorrência da infecção. O primeiro caso foi confirmado no Brasil na última quarta-feira. É um homem de 41 anos que viajou à Espanha e está em isolamento no Instituto de Infectologia Emílio Ribas, em São Paulo.

velhas ameaças invisíveis. “A intensificação das viagens permite que as doenças se espalhem mais rapidamente e de maneira mais descontrolada”, diz, em entrevista à agência France-Presse de notícias (AFP).

Biólogo do Instituto Nacional Francês para o Desenvolvimento Sustentável (IRD), Benjamin Roche lembra que a intensificação da pecuária industrial também interfere no risco de disseminação de patógenos entre os animais. Além disso, o comércio

de animais selvagens aumenta a exposição humana a patógenos que podem estar no organismo desses bichos.

Roche alerta, ainda, que o desmatamento aumenta o risco de contato entre vida selvagem, animais domésticos e populações humanas. “Quando há desmatamento, a biodiversidade diminui, perdemos animais que regulam naturalmente os vírus, o que permite que eles se espalhem mais facilmente”, explica o especialista, também à AFP.

## Aquecimento global

Um estudo divulgado, no fim de abril, na revista *Nature* indica que o aquecimento global força alguns animais a fugirem de seus ecossistemas para regiões com temperaturas mais brandas. A troca de habitat acaba favorecendo “uma mistura” entre as espécies, a transmissão de vírus entre elas e um consequente aumento no potencial de surgimento de doenças com risco de serem transmissíveis ao homem.



**Os fatores de emergência e amplificação de doenças aumentaram (...) A interface entre homem e animal é bastante instável agora”**

**Mike Ryan**, chefe de situações de emergência da agência das Nações Unidas

Como resposta a todo esse cenário preocupante, avalia Eliot, há meios de investigação fáceis e rápidos que permitem uma ação rápida em caso de aparecimento de novos vírus, apesar de essas ferramentas não serem uma realidade nas rotinas de vigilância sanitária de muitos países. “Também somos capazes de desenvolver vacinas muito rapidamente, como visto com a covid-19”, ilustra o cientista.

Eric Fèvre, professor especialista em doenças infecciosas veterinárias da Universidade de Liverpool, no Reino Unido, e do International Livestock Research Institute, no Quênia, enfatiza que “insistir na saúde pública das populações” dos ambientes mais remotos e “estudar melhor a ecologia das áreas naturais para entender como as diferentes espécies interagem” são medidas essenciais para conter o surgimento de uma nova pandemia. “Toda uma linhagem de novas doenças potencialmente perigosas corre o risco de emergir. Teremos que estar preparados”, justifica.

## » Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

### SEGUNDA-FEIRA, 6

## ONU INSISTE EM ATENÇÃO PARA A CRISE CLIMÁTICA

As crises que abalam o mundo não devem atrapalhar a luta contra a crise climática, já muito tímida, advertiu a chefe da ONU-Clima, Patricia Espinosa, na abertura de negociações que devem dar impulso à próxima conferência climática, em novembro, no Egito. Representantes de cerca de 200 países estão reunidos para 11 dias de “sessão intermediária”, em Bonn, sede da agência especializada das Nações Unidas, discutindo os compromissos da COP-26, no ano passado, em Glasgow. A comunidade internacional reafirmou, na ocasião, o objetivo de conter o aquecimento global a 1,5°C, ainda fora de alcance — estamos em 1,1°C desde que a humanidade começou a usar industrialmente as energias fósseis. Desde então, o mundo foi abalado pela invasão russa na Ucrânia e suas consequências nos mercados de energia e alimentos, muitas vezes empurrando a crise climática para segundo plano.

### TERÇA-FEIRA, 7

## RELÍQUIAS SUBMERSAS NA COLÔMBIA

O governo da Colômbia revelou imagens inéditas do galeão San José, que naufragou há três séculos no Caribe carregando um grande tesouro. Entre as relíquias, estão lingotes de ouro, vasilhas floridas, espadas, um cálice e canhões. Um veículo teleguiado e equipamentos de gravação de alta tecnologia permitiram chegar a quase mil metros de profundidade, aproximar-se com precisão dos recantos do navio e gravar imagens de alta definição para comprovar o estado dos destroços. Parcialmente soterradas, veem-se peças de uma vasilha quase intacta, decorada com arabescos e que os antropólogos averiguam se seria procedente da Ásia. No leito marinho também pode-se distinguir parte da proa do navio, envolto em algas e conchas. O almirante Gabriel Pérez, comandante da Marinha, assegurou que o tesouro não foi saqueado, nem sofreu alterações desde que foi descoberto em 2015.

AFP



### QUARTA-FEIRA, 8

## AMBIENTE DETERMINA "SOTAQUE" DE GOLFINHOS

Pesquisa publicada na *Scientific Reports* mostra que a localização geográfica e a demografia da população têm grande influência no som dos assobios dos golfinhos. Muito mais do que a genética. O estudo identificou diferentes sotaques. Os pesquisadores coletaram 188 horas de dados acústicos gravados de golfinhos comuns no Mar Mediterrâneo. Depois, analisaram as diferenças nos assobios entre seis populações distintas. Ao fim, constataram que, a exemplo dos sotaques regionais em humanos, os golfinhos apresentavam semelhanças em seu apito de assinatura de acordo com o local onde viviam. Segundo a pesquisa, podem mesmo reproduzir os sons emitidos por familiares e amigos. Estudos anteriores já mostravam que golfinhos desenvolvem apitos diferentes, sem apontar a razão. Recentemente, outro trabalho destacou que esses mamíferos se reconhecem também pelo sabor da urina.

AFP



### QUINTA-FEIRA, 9

## O MAIOR PREDADOR DA EUROPA

Fósseis de um dinossauro carnívoro de 125 milhões de anos, 10 metros de comprimento e com cabeça de crocodilo foram descobertos na ilha britânica de Wight. Segundo especialistas, trata-se, provavelmente, do maior predador que já viveu na Europa. A paleontologia deve a preciosa descoberta a um colecionador local, o britânico Nick Chase, que passou a vida a percorrer as praias dessa ilha do sul da Inglaterra, rica em fósseis de dinossauros. A partir dos poucos ossos que Chase desenterrou (vértebras cervicais, caudais e sacrais, principalmente), cientistas da Universidade de Southampton conseguiram identificar o animal, um espinossauro bípede. O animal viveu no Cretáceo inferior, entre 145 milhões e 100 milhões de anos atrás. “Era gigantesco”, afirmou Chris Barker, pesquisador de paleontologia que liderou o estudo publicado na revista *Peer J*. “Os números não mentem: é maior do que o maior espécime já encontrado na Europa”, garantiu.